

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Adversidade na infância e motivação para a parentalidade: papel moderador da vinculação parental

Sofia Isabel do Nascimento Beato

M

2023



Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**ADVERSIDADE NA INFÂNCIA E MOTIVAÇÃO PARA A PARENTALIDADE:
PAPEL MODERADOR DA VINCULAÇÃO PARENTAL**

Sofia Isabel do Nascimento Beato

outubro 2023

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, área de Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora *Marisa Matias* (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Aos meus pais, que foram apoio constante e permitiram sempre que fizesse dos meus estudos prioridade. Obrigada por confiarem de olhos fechados no caminho que escolhi para mim. Aos meus irmãos, que pequeninos me ensinam mais a mim que eu a eles. A toda a minha família que fez questão de estar presente permanentemente.

Aos meus amigos mais antigos, que durante 5 anos me mostraram que um abraço apertado se pode sentir das Caldas ao Porto. Obrigada por me recarregarem as energias a cada visita a casa.

A todos aqueles que esta cidade me deu a conhecer.

A todos os que viveram estes anos cobertos de preto comigo e que tornaram este caminho tão mais colorido. À Mariana, por ser o meu braço direito nesta viagem louca e atribulada. À Sara, pela personificação de amor de estudante. À Rita, sorriso quente, que nunca deixou que o frio fosse preocupação. À Diana, pelo exemplo máximo de resiliência, que tantas vezes me inspirou a dar o meu melhor. À Catarina, pelo apoio e partilha incansáveis. Obrigada por tornarem esta missão (ilusoriamente) impossível muito mais bonita e divertida.

Ao meu padrinho, que acreditou sempre mais em mim do que eu mesma e que me ensinou a retirar o melhor deste percurso atribulado. À família que escolhi e com quem sempre que poderei sempre contar.

Por fim, agradeço a quem mais devo pela concretização deste trabalho que aqui apresento. À professora Marisa Matias, pela orientação incansável. Obrigada por me dar a dose ideal de liberdade e monitorização, necessária para a realização da dissertação.

Que percurso imprevisivelmente bonito que foi.

Não há nada melhor do que nos sentirmos em casa, e estes anos deram-me muitas casas. O Porto. A FPCEUP. E cada um daqueles que de alguma forma me fizeram sentir assim mesmo. Serei sempre muito feliz ao recordar o meu percurso académico.

Resumo

As decisões reprodutivas têm vindo a sofrer alterações nos últimos anos, inclusive no contexto português. Assim, o presente estudo explora as motivações para a parentalidade através de uma perspetiva desenvolvimental, isto é, tendo em conta o papel de variáveis do percurso de vida. Partindo da premissa de que as experiências moldam o desenvolvimento individual, o presente estudo tem como objetivo explorar a relação entre experiências adversas na infância e a motivação para a parentalidade em jovens adultos. Ademais, tendo em conta o papel estruturador das representações de vinculação no desenvolvimento do indivíduo, considera-se o potencial papel amortecedor da vinculação na associação entre as Experiências Adversas na Infância e as Motivações para a Parentalidade.

A recolha de dados foi feita através de um inquérito divulgado *on-line*, constituído por um questionário sociodemográfico, pela Escala de Motivos face à Parentalidade, pela versão reduzida do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe e pelo Questionário da História de Adversidade na Infância. A amostra é constituída por 260 jovens adultos, entre os 18 e os 30 anos sem filhos, a maioria dos quais do género feminino (74%), de nacionalidade portuguesa (90%), com formação superior (66%) e em coabitação com os pais (69%).

Os resultados da investigação revelam que o efeito das Experiências Adversas na Infância foi menor do que o esperado e que o efeito moderador da vinculação parental é significativo somente em duas associações: entre a Negligência Emocional e a Interferência no Estilo de Vida e entre a Negligência Física e o Enriquecimento Emocional. Porém, o papel da Qualidade do Laço Emocional ao Pai mostrou-se um preditor relevante na maioria das Motivações Parentais.

Tendo em conta a baixa magnitude dos efeitos encontrados, destaca-se a importância de conhecer outras variáveis associadas à infância que possam ajudar a explicar o processo de Motivação para a Parentalidade.

Palavras-chave: Motivação para a parentalidade, Experiências Adversas na Infância, Vinculação Parental; Qualidade do laço emocional

Abstract

Reproductive decisions have changed in recent years, including in the Portuguese context. In this study we explore the motivations toward parenthood from a developmental perspective, that is, taking into account the role of life path variables. Based on the premise that experiences shape individual development, the present study aims to explore the relationship between adverse childhood experiences and motivation toward parenthood in young adults. Furthermore, considering the structuring role of attachment representations in the individual's development, the potential buffering role of attachment in the association between Adverse Childhood Experiences and Motivations for Parenting is considered.

Data collection was performed through an online survey, consisting of a sociodemographic form, the Motives toward Parenthood Scale, the short form version of the Father and Mother Attachment Questionnaire and the Family Adverse Childhood Experiences Questionnaire. The sample consists of 260 young adults, aged between 18 and 30 years old, without children, most of whom are female (74%), of Portuguese nationality (90%), with higher education (66%) and living with their parents (69%).

The results of the investigation reveal that the effect of Adverse Childhood Experiences was smaller than expected and that the moderating effect of parental attachment is significant only in two associations: between Emotional Neglect and Lifestyle Interference and between Physical Neglect and Emotional Enrichment. However, the role of the Quality of the Emotional Bond to the Father has been shown to be a relevant predictor in most Parental Motivations.

Considering the low magnitude of the effects found, it is important to know other variables associated with childhood that can help explain the process of Motivation for Parenting.

Keywords: Motivation toward Parenthood, Adverse Childhood Experiences, Parental Attachment, Quality of the emotional bond

Résumé

Les décisions en matière de procréation ont connu des changements ces dernières années, y compris dans le contexte portugais. Ainsi, la présente étude explore les motivations de la parentalité dans une perspective développementale, c'est-à-dire en tenant compte du rôle des variables du parcours de vie. Partant du principe que les expériences façonnent le développement individuel, la présente étude vise à explorer la relation entre les expériences négatives vécues pendant l'enfance et la motivation parentale chez les jeunes adultes. De plus, en tenant compte du rôle structurant des représentations de l'attachement dans le développement de l'individu, le rôle tampon potentiel de l'attachement sur l'association entre les expériences négatives de l'enfance et les motivations parentales est considéré.

La collecte des données a été effectuée par le biais d'une enquête en ligne, composée d'un questionnaire sociodémographique, de l'échelle des motifs par rapport à la parentalité, de la version réduite du questionnaire sur l'attachement au père et à la mère et du questionnaire sur l'histoire de l'adversité dans l'enfance. L'échantillon est composé de 260 jeunes adultes, âgés de 18 à 30 ans, sans enfant, dont la plupart sont des femmes (74%), de nationalité portugaise (90%), ayant fait des études supérieures (66%) et vivant en concubinage avec leurs parents (69%).

Les résultats de l'enquête révèlent que l'effet des expériences négatives vécues pendant l'enfance a été plus faible que prévu et que l'effet modérateur de l'attachement parental n'est significatif que dans deux associations : entre la négligence émotionnelle et l'interférence avec le mode de vie et entre la négligence physique et l'enrichissement émotionnel. Cependant, le rôle de la qualité du lien affectif avec le père s'est avéré être un prédicteur pertinent dans la plupart des motivations parentales.

Compte tenu de la faible ampleur des effets observés, il est important de connaître d'autres variables associées à l'enfance qui peuvent aider à expliquer le processus de motivation pour la parentalité.

Mots-clés: Motivation pour l'éducation des enfants, expériences négatives de l'enfance, attachement parental, Qualité du lien affectif

Índice

Introdução	1
1. Motivação para a Parentalidade	2
2. Experiências Adversas na Infância (EAI) e Vinculação Parental	5
Método	8
1. Procedimento de Recolha de Dados e Amostra.....	8
2. Instrumentos de Recolha de Dados	9
2.1 Questionário sócio-demográfico.....	9
2.2 Motivações para a parentalidade	10
2.3 Vinculação às figuras parentais.....	10
2.4 Experiências Adversas na Infância	11
3. Procedimento de Análise de Dados	12
Resultados	14
1. Correlações entre as variáveis em estudo	14
2. Efeito preditor das Experiências Adversas na Infância nas Motivações para a Parentalidade..	15
3. Efeito moderador da Qualidade do laço emocional	16
3.1 Interferência no Estilo de Vida (IEV)	16
3.2 Antecipação de Problemas (AP)	17
3.3 Enriquecimento Emocional (EE)	19
3.4 Reconhecimento Social (RS).....	21
Discussão de Resultados.....	23
Limitações e Sugestões Futuras.....	27
Referências Bibliográficas	29
Anexos.....	37
Anexo 1 – Questionário utilizado para a recolha de dados	37

Introdução

As decisões reprodutivas contemporâneas encontram-se em constante mutação. Atualmente, os jovens adultos têm em consideração um conjunto de condições necessárias para a conceção do primeiro filho, que têm, de certo modo, contribuído para o adiamento dessa decisão. De facto, o adiamento do nascimento do primeiro filho, o aumento do número de pessoas que não pretende ter filhos e a consequente diminuição da natalidade, são fenómenos que se têm acentuado progressivamente nos países economicamente desenvolvidos, nos quais se insere Portugal (Guedes et al., 2011). De entre as condições necessárias para a conceção do primeiro filho destacam-se a necessidade da existência de uma relação estável; de maturidade adequada a esta fase da vida; e de uma capacidade económica para comportar as despesas e exigências da parentalidade (Lampic et al, 2006; Morin et al., 2003; Rasch et al., 2001).

Segundo Miller (1994), a tomada de decisão reprodutiva é um processo que se pode dividir em várias etapas que se traduzem numa sequência que se inicia na motivação para a conceção (motivação para a parentalidade) e termina na adoção de comportamentos concordantes. Assim, as motivações para a parentalidade representam traços psicológicos ou disposições latentes para percecionar favorável ou desfavoravelmente vários aspetos da parentalidade (Miller, 1994, 1995). Estas motivações compõem a base do desejo de ter filhos, que por sua vez se manifestam numa intenção reprodutiva (Miller, 1994). Deste modo, a análise das decisões reprodutivas deve iniciar-se na exploração das motivações para a parentalidade, por forma a compreender as alterações verificadas.

As motivações para a parentalidade têm vindo a sofrer alterações que acompanham as mudanças ocorridas no estilo de vida contemporâneo. Cada vez mais se verifica que a parentalidade é vista como um desejo pessoal ao invés de um dever para com a sociedade (Frejka et al. 2008), pelo que as mudanças que têm ocorrido nos últimos cinquenta anos na tomada de decisão para a parentalidade (Langdridge et al., 2005) tornam o presente tópico um alvo de estudo bastante relevante para a psicologia. De facto, a análise deste fenómeno exclusivamente à luz dos fatores sociais, culturais e económicos, negligencia a componente individual dos processos de tomada de decisão (Wijzen, 2002), oferecendo uma perspetiva redutora do fenómeno. Neste trabalho propomo-nos a destacar as motivações para a

parentalidade de um ponto de vista individual, com particular destaque ao papel de variáveis do percurso de vida de jovens adultos.

1. Motivação para a Parentalidade

Inicialmente, a abordagem da psicologia, no que diz respeito às motivações para a parentalidade, centrava-se apenas em dois fatores: as vantagens ou desvantagens que os filhos representavam para os pais. Assim, os filhos podiam ser percebidos enquanto fonte de satisfação de necessidades (e.g., pelo estabelecimento de uma relação de amor recíproca) ou de imposição de custos (e.g., pelo aumento das despesas para cuidados e educação) (Arnold & Fawcett, 1975; Bulatao, 1981; Hoffman & Hoffman, 1973). Já as abordagens mais recentes retiram este caráter instrumental do papel dos filhos e defendem uma multiplicidade de fatores que contribuem para o desejo de ter filhos, destacando-se as normas e valores associados à pertença de diversas instituições sociais, os comportamentos e atitudes de pessoas significativas ao indivíduo e a influência do cônjuge (Miller, 1994).

De acordo com Miller (1995), estas motivações organizam-se em duas dimensões opostas e distintas, sendo estas positivas e negativas. Além disso, manifestam-se através de múltiplas subdimensões, que determinam a proximidade dos indivíduos para com o universo parental. Por exemplo, a preocupação relativa ao *stress* parental decorrente de ter um filho irá contribuir para um maior afastamento do indivíduo do universo parental, constituindo uma motivação negativa, enquanto o gosto pela experiência da parentalidade terá o efeito contrário, constituindo uma motivação positiva para a parentalidade (Miller 1994).

Relativamente ao contexto português, são ainda escassos os estudos que se debruçam sobre a motivação para a parentalidade, tendo estes mantido o foco exclusivamente na identificação das motivações positivas e negativas para a parentalidade (e.g. Guedes et al., 2011; Guedes et al., 2015; Matias & Fontaine, 2013), sem se debruçarem sobre possíveis associações entre essa motivação e fatores relacionais. Guedes e colaboradores (2011) organizam as motivações para a parentalidade em quatro dimensões: emocionais/psicológicas, sociais/normativas, económicas/utilitárias e biológicas/físicas.

Relativamente à dimensão emocional/psicológica, as motivações positivas para a parentalidade englobam a vontade de criar uma relação recíproca de amor e carinho com a

criança; o fortalecimento da relação conjugal e dos laços familiares; e a realização pessoal, no sentido de completar um objetivo de vida. Esta dimensão tem paralelismo com a dimensão também positiva de enriquecimento emocional identificada por Matias e Fontaine (2013). Já as motivações negativas dizem respeito: às exigências da parentalidade; aos constrangimentos conjugais e pessoais (e.g., restrições à autonomia pessoal); problemas familiares; e à preparação emocional e imaturidade. Esta dimensão corresponde parcialmente à dimensão de interferência no estilo de vida proposta por Matias e Fontaine (2013), nomeadamente os constrangimentos pessoais, mas compreende também facetas identificadas por essas autoras na escala de antecipação de problemas.

No que concerne às dimensões sociais/normativas, são referidas como motivações positivas: o cumprimento de expectativas sociais e de preconceitos religiosos, a afirmação do estatuto social de adulto e o desejo de continuidade. Uma vez mais verifica-se a congruência com a dimensão de reconhecimento social de Matias e Fontaine, (2013). Negativamente, é apenas referida a responsabilidade social de ter um filho, face aos problemas sociais e ambientais. As dimensões económicas/utilitárias referem-se, por um lado, ao auxílio para o sustento económico da família e ao apoio futuro que um filho poderá desempenhar e, por outro, a restrições e despesas financeiras que advêm da vinda de um filho. Esta dimensão está parcialmente presente na esfera do Reconhecimento Social, quando faz referência ao apoio financeiro futuro que um filho poderá vir a desempenhar e, por outro lado, as motivações negativas coincidem com alguns itens da Interferência do Estilo de Vida definidas por Matias e Fontaine (2013).

Por fim, as dimensões biológicas/físicas englobam a concretização de um instinto biológico, a afirmação da fertilidade e da feminilidade/masculinidade e a pressão do relógio biológico relativamente às motivações positivas. Já no que diz respeito às motivações negativas desta dimensão, são referidos o medo de sofrer complicações físicas na gravidez e no parto e as alterações corporais no corpo feminino (Guedes et al., 2011). Esta última dimensão parece estar também incluída em alguns dos indicadores da dimensão de antecipação de problemas do estudo de Matias e Fontaine (2013).

As motivações para a parentalidade supracitadas são moldadas por uma combinação de fatores biológicos, experiências vivenciadas na família do indivíduo durante a infância e a adolescência, características de personalidade e sistemas de valores pessoais, adquiridos através das principais instituições sociais (e.g., instituições educacionais, religiosas,

ocupacionais e a família) (Miller, 1994). Para além disso, a vontade de formar uma família resulta também da combinação de características individuais e de conhecimentos adquiridos ao longo do tempo através da socialização, experiências e aprendizagens.

De facto, o papel das experiências e aprendizagens (especialmente aquelas que ocorrem no subsistema familiar) na tomada de decisão é de importante relevo no estudo das motivações para a parentalidade. Estas experiências moldam o desenvolvimento individual contínuo e cumulativo, podendo atuar como fatores protetores ou fatores de risco para o desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo (Silva & Mota, 2018). A literatura é vasta no que concerne à influência das experiências vivenciadas durante a infância na vida adulta (Alves & Maia, 2010; Felitti et al., 1998; McGinnis et al., 2022; Seon et al., 2022; Silva & Mota, 2018; Szepeswol et al., 2015; Taylor et al., 2011). Logicamente, vivências positivas reportam consequências vantajosas na idade adulta, enquanto as experiências mais negativas têm um impacto prejudicial no desenvolvimento do indivíduo. Neste sentido, a literatura mostra que as experiências adversas na infância têm consequências a nível psicológico e comportamental. Segundo Repetti e colaboradores (2002), crescer num ambiente familiar adverso tem consequências ao nível da regulação emocional, comprometendo o uso de competências socioemocionais na idade adulta. Como resultado, existe uma maior probabilidade de ocorrerem comportamentos agressivos e/ou antissociais. Para além disso, este tipo de ambiente está associado a défices nos recursos psicossociais na idade adulta, o que pode contribuir para um afeto negativo crónico. Ademais, a vivência de experiências adversas na infância condiciona a expressividade e desenvolvimento autónomo e diferencial do indivíduo, manifestando-se, entre muitos outros aspetos, num menor investimento no estabelecimento de objetivos de vida (Silva & Mota, 2018).

Embora a literatura seja escassa ao nível do estudo da relação entre experiências adversas na infância e objetivos de vida, é possível prever que indivíduos com vivências de adversidade na infância desenvolvem mais facilmente modelos de representação interna negativos e disfuncionais, que por sua vez conduzem a uma leitura menos promissora face aos objetivos que delineiam para a sua vida (Silva & Mota, 2018).

Sendo que as motivações para a parentalidade constituem um objetivo de vida, é possível prever uma associação entre a vivência de experiências adversas na infância e a motivação para a parentalidade.

2. Experiências Adversas na Infância (EAI) e Vinculação Parental

As Experiências Adversas na Infância (EAI) são definidas como quaisquer tipos de práticas de violência ou atos de omissão dirigidos à criança, bem como um conjunto de situações que podem tornar o ambiente familiar disfuncional (Clemmons et al., 2003). São descritas como eventos potencialmente traumáticos que podem ter efeitos negativos de longo prazo na saúde e no bem-estar (Boullier & Blair, 2018), comprometendo o desenvolvimento do indivíduo (Rizzini & Dawes, 2001).

A partir do estudo *Adverse Childhood Experiences*, as EAI foram agrupadas em 10 categorias, que por sua vez foram agrupadas em 3 grandes grupos: Abuso (físico, psicológico e sexual) e Negligência (física ou emocional) - que englobam experiências que envolvem diretamente a criança; e Ambiente Familiar Disfuncional – adversidades como o abuso de substâncias, doença mental ou suicídio, violência doméstica, atividades criminais e separação ou divórcio parental que contribuem para um ambiente disfuncional (Boullier & Blair, 2018; Chapman et al., 2004; Felitti et al., 1998).

É sabido que estas experiências tendem a ocorrer em simultâneo e que quanto maior for o número de experiências adversas, maior é o seu efeito na vulnerabilidade do desenvolvimento do indivíduo (Dong et al., 2003; Dong et al., 2004; Boullier & Blair, 2018; Felitti et al., 1998). Assim, é muito importante compreender a adversidade de uma forma ampla, procurando não restringir as consequências a longo prazo a determinados tipos de abuso, nem descurar o impacto cumulativo das múltiplas categorias da adversidade (Felitti et al., 1998). Desta forma e com a preocupação de compreender e explorar a relação entre as vivências na infância e o desenvolvimento na vida adulta, neste estudo pretende-se incluir diferentes grupos de experiências adversas, reconhecendo, não obstante, que seria utópico conseguir abranger todas as adversidades possíveis.

Assim, o presente estudo engloba 5 das 10 categorias definidas a partir do *Adverse Childhood Experiences*, previamente enumeradas, por serem as que melhor se adaptam aos seus objetivos. São elas: Abuso Físico, Abuso Emocional, Exposição a Violência Doméstica, Negligência Física e Negligência Emocional.

De entre as consequências que as EAI podem ter no desenvolvimento do indivíduo, para além das supracitadas, a literatura refere uma associação entre estas experiências e os padrões de vinculação, quer na infância, quer na idade adulta. Efetivamente, vários estudos

revelam que as experiências de maus-tratos e negligência tendem a afetar as representações de vinculação, desencadeando representações inseguras relativamente às figuras parentais e em relação a si mesmo (e.g., Benavente et al., 2009). Consequentemente, a vivência dessas experiências parece acarretar também menos disponibilidade para elaborar e concretizar eventuais objetivos de vida (Silva & Mota, 2018; Szepeswol et al., 2015). Assim sendo, e se efetivamente as experiências adversas da infância podem originar consequências para o desenvolvimento adaptativo dos indivíduos por via da representação interna de modelos de parentalidade negativos, é de interesse explorar qual a relação entre as EAI, a qualidade da vinculação parental e o impacto sobre projetos de vida, nomeadamente de parentalidade.

Por outro lado, segundo Morimoto e Sharma (2004), a qualidade da vinculação às figuras parentais e a coesão familiar podem funcionar como atenuadores dos efeitos das experiências adversas vivenciadas. Uma vinculação segura com as figuras parentais é não só um fator protetor como também promotor da capacidade de resiliência face às experiências tidas como adversas no decorrer da infância (Fonagy et al., 1994). Assim sendo, um ambiente inicial benéfico tem o poder de reverter potenciais riscos e de proteger contra consequências adversas para a saúde (Taylor et al., 2011). O estudo de Szepeswol e colaboradores (2015) veio apoiar esta perspetiva, demonstrando que, a qualidade do cuidado parental recebido durante a primeira infância pode mediar os efeitos negativos de ambientes difíceis e/ou imprevisíveis no início da vida sobre a paternidade na idade adulta. Isto porque as primeiras experiências de cuidados parentais organizam as expectativas da criança sobre o seu ambiente e direcionam o seu ajustamento psicológico e comportamental (Del Giudice, 2009). Deste modo, a qualidade do cuidado parental será um dos principais mecanismos através dos quais as condições ambientais do início da vida moldam as estratégias de história de vida em adultos, incluindo as orientações e o comportamento parental (Szepeswol et al., 2015). À semelhança deste, o estudo de Silva e Mota (2018) destacou o papel da qualidade do laço emocional aos pais enquanto variável mediadora na associação entre as experiências adversas na infância e os objetivos de vida. Para além disso, Scharf e colaboradores (2004) mostram que uma vinculação segura prediz estratégias de *coping* positivas, demonstrando, mais uma vez, o possível efeito atenuador que a vinculação parental poderá desempenhar entre as variáveis em estudo.

Efetivamente, os estudos de Bowlby (1973) demonstraram que o desenvolvimento de uma vinculação segura parece estar associado a uma maior autoconfiança e autonomia, o

que favorece a formulação de objetivos de vida assim como a vontade de os alcançar. E de facto, ao longo das últimas décadas, inúmeros estudos demonstram o impacto das relações de vinculação estabelecidas na infância em diversos aspetos da vida adulta, de que são exemplo a auto-estima (Mota & Matos, 2009; Sroufe et al 2005) e a capacidade para estabelecer relações íntimas (Scharf et al., 2004). A teoria da vinculação deixa claro a importância das relações estabelecidas ao longo da vida no modo como o sujeito percebe o mundo social (Bowlby, 1969/1982), sendo corroborada esta premissa na investigação longitudinal de Minnesota (Sroufe et al., 2005), onde se verificou que a vinculação segura parece estar significativamente associada ao desenvolvimento de autoestima, autorregulação emocional e competências relacionais.

Assim, e embora não existam estudos que relacionem as EAI com as motivações para a parentalidade, as inúmeras evidências da influência das experiências vivenciadas durante a infância na vida adulta (Alves & Maia, 2010; Felitti et al., 1998; McGinnis et al., 2022; Seon et al., 2022; Silva & Mota, 2018; Szepeswol et al., 2015; Taylor et al., 2011) permitem-nos propor a análise do efeito moderador da vinculação parental na idade adulta, na associação entre as EAI e as motivações para a parentalidade. Importa referir que, tendo como objetivo entender este fenómeno na sua globalidade, o presente estudo vai debruçar-se sobre as duas grandes dimensões das motivações para a parentalidade (motivações positivas e negativas). Note-se ainda que no presente estudo, a vinculação parental não vai ser analisada numa perspetiva retrospectiva remetendo para a perspetiva do vínculo durante a infância, ao contrário de outros estudos (Silva & Mota, 2018; Szepeswol et al., 2015), mas vai considerar a qualidade do vínculo entre jovens adultos e os seus pais no momento atual. Neste sentido, o presente estudo reúne duas questões de investigação – (1) compreender o efeito das experiências adversas na infância na motivação para a parentalidade e (2) analisar o papel moderador das relações de vinculação aos pais na relação entre as experiências adversas na infância e as motivações para a parentalidade.

Método

1. Procedimento de Recolha de Dados e Amostra

Tendo em conta os objetivos propostos, foram identificados à partida como critérios de inclusão que as pessoas participantes teriam de ter entre 18 e 30 anos e não ter filhos. O questionário foi elaborado na plataforma *LimeSurvey* e de forma que os participantes que não preenchessem os critérios de inclusão fossem automaticamente direcionados para a página final do questionário. O estudo foi divulgado via *on-line*, através das redes sociais, nomeadamente *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp* e através do *email* institucional da FPCEUP e da Reitoria da Universidade do Porto. Antes da divulgação, foi solicitado o parecer favorável da Comissão de Ética da FPCEUP (Ref.^a 2023/04-09b), no qual se assegurou a apresentação do consentimento informado e a resposta afirmativa ao mesmo como requisito para iniciar a resposta ao questionário.

No que diz respeito à amostra, foram obtidas 270 respostas completas ao questionário. No entanto, um participante foi eliminado por responder negativamente ao Consentimento Informado, outro foi excluído por ter respostas que não eram válidas, e quatro porque indicaram ter filhos. Para além disso, na verificação dos valores omissos, foram eliminados quatro participantes por apresentarem um número demasiado elevado dos mesmos nas variáveis de interesse (no Questionário da História de Adversidade na Infância e no Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe).

Assim sendo, no total foram eliminados 10 participantes, sendo a amostra composta por 260 indivíduos. Os participantes têm idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 22.9$; $DP = 2.8$) e nunca tiveram filhos. No que diz respeito ao género, a maioria é do género feminino (73,8%), sendo que existem 60 participantes do género masculino (23,1%), 6 não-binários (2,3%) e 1 participante que preferiu não responder. A maioria dos participantes é de nacionalidade portuguesa (90%), existindo 17 indivíduos de nacionalidade brasileira, 2 participantes luso-brasileiros, 1 luso-venezuelano e 5 de outras nacionalidades (chinesa, equatoriana, mexicana, moçambicana e nigeriana respetivamente). O nível de escolaridade varia entre o 3º ciclo (0,4%) e o doutoramento (0,4%), sendo que a maioria dos participantes tem um nível de escolaridade correspondente ao ensino secundário (30,4%), licenciatura (42,3%) e mestrado (23,1%). A amostra caracteriza-se maioritariamente por

estudantes (60,4%), havendo também uma grande parte que trabalha por conta de outrem (30,8%). Para além disso, a grande maioria vive com os pais (68,5%), ou com outros familiares (13,8%), havendo também uma percentagem de participantes que vive com o/a companheiro (13,8%), sozinho (7,7%) ou com amigos/colegas de casa (10,8%). Para além disso, 136 dos participantes mantêm atualmente uma relação amorosa (52,3%), há cerca de 40 meses ($M = 39,7$; $DP = 31,8$).

No que diz respeito à intenção de ter filhos e à ambição a nível temporal dessa mesma intenção, verificou-se que a maioria dos participantes tem a intenção de ter filhos no futuro (62,3%), sendo que destes, 120 (74,1%) têm essa intenção, mas não sabem quando a querem realizar, 8,6% ambicionam tomar essa decisão num prazo de 3 anos e 17,3% nos próximos 5. Para além disso, 67 (25,8%) pessoas ainda estão indecisas em relação a esta decisão e 31 (11,9%) assumem não ter essa intenção no futuro.

Os participantes foram questionados relativamente à presença ou ausência dos seus pais ou figuras parentais na sua vida atual, sendo que a grande maioria dos participantes não revelou ausência parental (78,8%). Dos 49 indivíduos que manifestaram uma situação contrária, 31 referem-se ao pai como figura ausente (63,3%), 8 referem-se à mãe (16,3%) e 10 mencionam ambas as figuras parentais como sendo ausentes na sua vida (20,4%). Por fim, no que diz respeito à importância que a relação com os pais assume na sua vida, a presente amostra caracteriza-se por considerar a relação com os pais como muito importante (70,4%), havendo apenas 3 participantes que não atribuíram qualquer importância à relação (1,2%) e 6 que a consideram como pouco importante (2,3%).

2. Instrumentos de Recolha de Dados

O questionário era composto por questões de carácter sociodemográfico e por três instrumentos, cada um correspondente a uma das variáveis em estudo (Anexo 1).

2.1 Questionário sócio-demográfico

Este questionário é composto por perguntas relativas ao género, idade, escolaridade, estado civil, nacionalidade e também questões de caracterização da experiência e situação individual mais relacionadas com o tema do estudo, como intenção de ter filhos no futuro,

perspetiva temporal desse acontecimento, vivência atual de uma relação amorosa e a sua duração, características da relação mantida entre os participantes e os seus pais.

2.2 Motivações para a parentalidade

Foi aplicada a Escala de Motivos face à Parentalidade (Matias & Fontaine, 2013), composta por 30 itens dispostos numa escala de *Likert* de 6 pontos, que varia entre “Discordo Totalmente” e “Concordo Totalmente”. Os itens da escala estão divididos em quatro fatores, sendo que dois são referentes a motivos a favor da parentalidade (motivações positivas): Enriquecimento Emocional (EE) e Reconhecimento Social (RS); e outros dois referentes a motivos desencorajadores à mesma (motivações negativas): Interferência no Estilo de Vida (IEV) e Antecipação de Problema (AP) (Matias & Fontaine, 2013). A dimensão de Enriquecimento Emocional é composta por 8 itens relativos à demonstração de afeto e desenvolvimento pessoal advindos de ter um filho (e.g., “*Porque ser pai/mãe faz/pode fazer de mim uma pessoa melhor.*”). A dimensão de Reconhecimento Social engloba também 8 itens que dizem respeito a motivos de realização das expectativas sociais e continuidade familiar (e.g., “*Para ter alguém que consiga o que eu não consegui.*”). Por outro lado, a Interferência no Estilo de Vida é constituída por 9 itens, referentes a mudanças que possam ocorrer nas diversas áreas da vida provenientes da parentalidade (e.g., “*Seria uma responsabilidade para toda a vida.*”). Por fim, o fator da Antecipação de Problemas compreende 5 itens que abordam problemáticas relativas aos pais ou à própria criança (e.g., “*Poderia criar tensões no meu relacionamento conjugal.*”) (Matias & Fontaine, 2013).

No que diz respeito à consistência interna, os valores para a presente amostra foram os seguintes: EE = .90; RS = .67; IEV = .85; AP = .68. Estes valores são considerados satisfatórios. Duas das escalas apresentam valores de consistência interna abaixo do satisfatório, contudo muito próximos do indicador de .70 comumente usado.

2.3 Vinculação às figuras parentais

Utilizou-se o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos & Costa, 2001), na sua versão reduzida adaptada por Nunes et al (2020), como forma de conhecer a perceção dos participantes relativamente à relação de vinculação atual com os seus pais. Este é um instrumento que avalia as representações de vinculação que adolescentes e jovens adultos têm relativamente a cada uma das suas figuras parentais (Silva & Mota, 2018). O

questionário na sua versão reduzida é composto por 15 itens, dispostos numa escala de *Likert* de 6 pontos, cujas opções variam entre “Discordo Completamente” e “Concordo Completamente”. Os itens do presente instrumento dividem-se por três dimensões, cada uma composta por 5 itens: Qualidade do Laço Emocional (QLE), Ansiedade de Separação (AS) e Inibição da Exploração e Individualidade (IEI) (Silva & Mota, 2018).

Tendo em conta o objetivo do presente estudo, optou-se por utilizar nas análises realizadas, apenas a dimensão da Qualidade do Laço Emocional, por ser a que melhor representa o papel da vinculação que se pretende avaliar. O fator Qualidade do Laço Emocional pretende avaliar a importância da figura parental enquanto figura de vinculação, isto é, como fonte de segurança, apoio e com a qual o indivíduo mantém uma relação duradoura e de importância (e.g., “*Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles*”). Os participantes tinham a oportunidade de responder a cada item de forma distinta, tendo por base a sua relação atual com cada um dos seus pais.

A consistência interna revelou-se adequada, quer na relação com o pai, quer na relação com a mãe, sendo os valores de *alfa* de *Cronbach* os seguintes: QLE pai = .92; QLE mãe = .93.

2.4 Experiências Adversas na Infância

Por fim, foi aplicado o *Family Adverse Childhood Experiences Questionnaire* (Felitti et al., 1998), na sua versão portuguesa, da autoria de Silva e Maia (2008), intitulado como Questionário da História de Adversidade na Infância. Este instrumento é composto por 31 itens, que se encontram organizados em 3 dimensões: Experiência Contra o Indivíduo, Ambiente Familiar Disfuncional e Negligência, que por sua vez dão origem a 10 subescalas (Silva & Maia, 2008).

Este questionário apresenta diferentes tipos de questões: questões dicotómicas, de escolha múltipla e resposta breve (Silva & Maia, 2008). Mais concretamente, as dimensões Abuso, Negligência e Exposição a Violência Doméstica são avaliadas através de uma escala de *Likert* de 5 pontos, onde 0 corresponde a “Nunca” e 4 a “Muitíssimas Vezes”, à exceção de uma pergunta, onde as opções de resposta eram substituídas por graus de severidade relativos à agressão física sofrida. As restantes subescalas são avaliadas por questões dicotómicas de “Sim” e “Não”. Embora o instrumento original tenha questões de resposta breve, estas não foram incluídas no questionário do presente estudo. Neste instrumento,

valores mais altos correspondem a uma maior percepção de vivências adversas na infância (Silva & Mota, 2018).

Para o presente estudo foram selecionadas as subescalas de maior interesse para as questões de investigação em questão, tendo sido utilizadas as seguintes 5 subescalas: Abuso Físico, Abuso Emocional Exposição a Violência Doméstica, Negligência Física e Negligência Emocional. No que diz respeito à consistência interna destas subescalas, foram encontrados valores satisfatórios na presente amostra: Abuso Físico = .90; Abuso Emocional = .88; Exposição a Violência Doméstica = .85; Negligência Física = .72; Negligência Emocional = .88.

De referir que no item referente à exposição à violência parental, incluiu-se a opção da violência partir de um elemento feminino para com um elemento masculino, que não estava previsto no instrumento original. Também na questão “*Com que severidade lhe bateram*”, foi acrescentada a opção “*Nunca me bateram*” como alternativa de resposta que o questionário original não contemplava.

3. Procedimento de Análise de Dados

A análise de dados foi realizada através do programa IBM SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), versão 29.

No que diz respeito aos *outliers*, procedeu-se à substituição dos *outliers* severos corrigindo os seus valores pela média ± 2 desvio-padrão.

Antes de realizar as análises, verificou-se que não existiam desvios problemáticos face à normalidade para todas as variáveis, isto é, os valores da assimetria eram todos inferiores a 2 e os valores da curtose não ultrapassaram o valor 7.

No que diz respeito às análises estatísticas, primeiramente foi realizada uma correlação entre todas as variáveis em estudo. Seguidamente, de modo a explorar a primeira questão de investigação, foi realizada uma regressão múltipla com as 5 EAI enquanto variáveis independentes e as 4 dimensões das motivações para a parentalidade como variável dependente, tendo sido realizadas 4 regressões múltiplas no total. A independência dos erros foi assegurada pelo teste de *Durbin-Watson*. Por fim, para dar resposta à segunda questão de investigação, foi utilizado o PROCESS 4.2. para permitir a análise dos efeitos principais das

EAI e a moderação da Qualidade do Laço Emocional para cada motivação. Foram assim realizadas 20 análises de moderação. A multicolinearidade foi considerada ao centrar-se previamente as variáveis independentes e a homocedasticidade foi assegurada pela correção dos erros através da estimativa HC4.

Resultados

1. Correlações entre as variáveis em estudo

Através das análises de correlação realizadas (Tabela 1), é possível constatar várias correlações significativas entre as variáveis em estudo. Analisando a correlação entre a adversidade na infância e as motivações para a parentalidade, verifica-se que o Abuso Emocional é a experiência adversa que se correlaciona significativamente com um maior número de dimensões das motivações para a parentalidade, não se correlacionando somente com o Enriquecimento Emocional. Estas associações são todas positivas e de intensidade muito baixa e baixa. Para além disso, a Violência Doméstica e o Abuso Físico correlacionam-se significativamente, de forma positiva e com baixa intensidade com o Reconhecimento Social. Por sua vez, a Negligência Emocional é a única experiência adversa a associar-se significativamente com o Enriquecimento Emocional, sendo esta uma correlação negativa e moderada. Deste modo, vemos que a Negligência Física é a única experiência adversa que não se correlaciona significativamente com nenhuma dimensão da motivação para a parentalidade.

Analisando agora as associações com as dimensões da vinculação aos pais, verificamos que existem associações significativas e no sentido negativo entre a Qualidade do Laço Emocional com ambas as figuras parentais e todas as variáveis da adversidade na infância, sendo todas elas no sentido negativo. Mais concretamente, a Qualidade do Laço Emocional com o Pai demonstra correlações moderadas com o Abuso Emocional e com a Negligência Emocional e baixas para as restantes experiências adversas. Já a qualidade do Laço Emocional com a Mãe demonstra uma correlação alta com a Negligência Emocional, moderada com o Abuso Emocional, Abuso Físico e Negligência Física e baixa com a Exposição a Violência Doméstica.

No que concerne à associação entre a Qualidade do Laço Emocional e as Motivações para a Parentalidade, observa-se uma correlação significativa, positiva e baixa entre a Qualidade do Laço Emocional para ambas as figuras parentais e o Enriquecimento Emocional. Para além disso, enquanto a Qualidade do Laço Emocional com a Mãe não se

correlaciona significativamente com mais nenhuma dimensão das Motivações, existem correlações significativas, negativas e de baixa intensidade entre a Qualidade do Laço Emocional com o pai e a Interferência no Estilo de Vida e a Antecipação de Problemas.

Tabela 1

Correlações entre as variáveis em estudo

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. QLE_PAÍ	-	.51**	-.45**	-.27**	-.24**	-.55**	-.31**	.14*	-.03	-.18**	-.21**
2. QLE_MÃE		-	-.47**	-.41**	-.23**	-.70**	-.51**	.14*	-.05	-.07	-.10
3. AB. EMO			-	.76**	.43**	.52**	.43**	-.11	.13*	.14*	.14*
4. AB. FÍS				-	.48**	.42**	.42**	-.03	.15*	.03	.03
5. VIO. DOM					-	.41**	.45**	-.01	.24**	-.02	.08
6. NEG.EMO						-	.60**	-.13*	.09	.00	.06
7. NEG. FÍSI							-	-.04	-.06	-.08	.03
8. EE								-	.41**	-.26**	-.16**
9. RS									-	.05	.19**
10. IEV										-	.48**
11. AP											-

Nota. AB. FÍS = Abuso Físico, AB.EMO = Abuso Emocional, VIO.DOM = Exposição a Violência Doméstica, NEG.EMO = Negligência Emocional, NEG.FÍS = Negligência Física, QLE_PAÍ = Qualidade do Laço Emocional ao Pai, QLE_MÃE = Qualidade do Laço Emocional à Mãe.

** $p < .01$. * $p < .05$.

2. Efeito preditor das Experiências Adversas na Infância nas Motivações para a Parentalidade

De modo a testar o efeito preditor das EAI nas diferentes dimensões das Motivações para a Parentalidade, recorreu-se à análise de regressão múltipla. Como se pode constatar

pela Tabela 2, nenhum dos modelos de regressão é significativo, o que significa que as EAI não são preditores de nenhuma das dimensões da Motivação para a Parentalidade. Assim sendo, não é possível verificar quais as EAI com maior peso preditor da Motivação para a Parentalidade.

Tabela 2

Modelo de regressão múltipla de cada motivação para a parentalidade

	R^2_{adj}	F	df1	df2	p
Enriquecimento Emocional	.00	1,20	5	235	.31
Reconhecimento Social	.02	2.18	5	235	.06
Interferência no Estilo de Vida	.01	1.55	5	235	.18
Antecipação de Problemas	.01	1.68	5	235	.14

3. Efeito moderador da Qualidade do laço emocional

No que toca ao modelo de regressão com inclusão do efeito moderador da qualidade do laço emocional ao pai e à mãe, verifica-se que a qualidade do laço emocional ao pai revelou ter um efeito moderador apenas em duas associações de entre todas as possíveis: entre a Negligência Emocional e a Interferência no Estilo de Vida (Tabela 3) e entre a Negligência Física e o Enriquecimento Emocional (Tabela 4). Contudo, estas análises revelaram ainda efeitos principais significativos entre a qualidade do laço emocional ao pai e algumas das motivações para a parentalidade consideradas. Em seguida analisamos estes resultados organizando-os para cada uma das motivações para a parentalidade.

3.1 Interferência no Estilo de Vida (IEV)

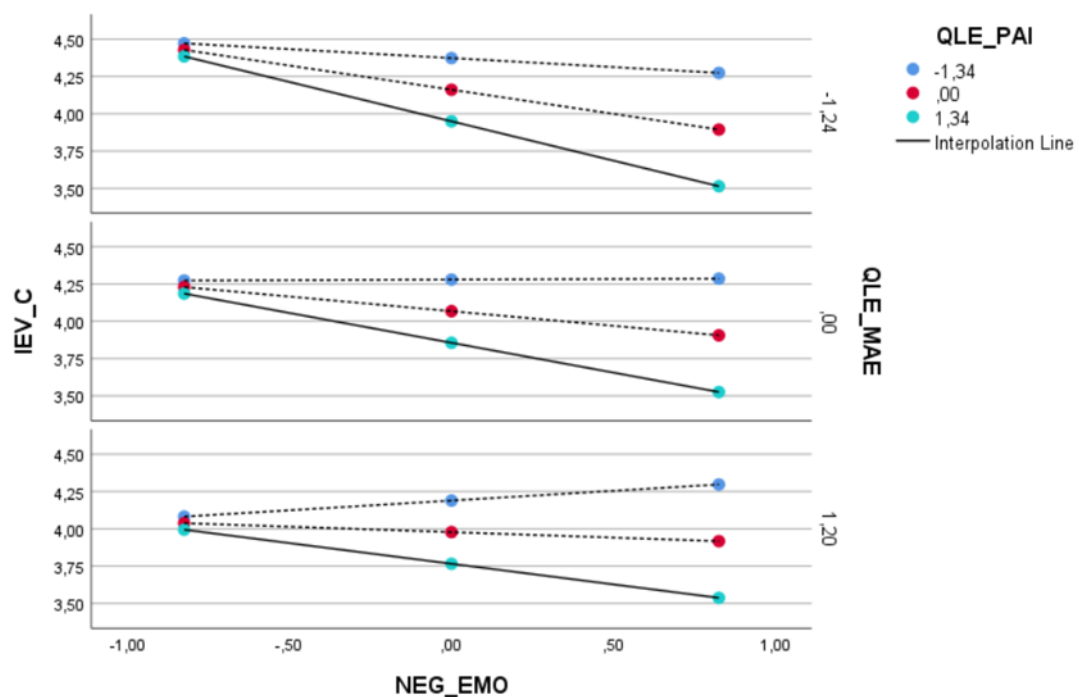
No que diz respeito à associação entre as EAI e a IEV, verifica-se que o modelo de regressão se mostrou significativo para o Abuso Emocional, Abuso Físico e Negligência

Emocional, sendo que explicam 6%, 7% e 6% da variância da IEV, respetivamente. Para além disso, nestes modelos existe um efeito principal negativo da QLE ao pai, isto é quanto melhor for a QLE ao pai, menor é a importância dada à IEV como motivação para a parentalidade.

No que diz respeito ao efeito moderador, verifica-se que o mesmo existe apenas por parte da QLE ao pai. Este efeito moderador é negativo e revela que quando existe Negligência Emocional, quanto melhor for a QLE ao pai ($B = -.53$, $SE = .22$, $t = -2.37$, $p = .02$) menor a preocupação atribuída à IEV. Assim, neste caso, a QLE ao pai parece ter um efeito acentuador da relação entre a Negligência Emocional e a IEV (Figura 1). Para além do efeito de interação, observa-se também o efeito principal da QLE com o pai, que revela que, quanto maior for a QLE com o pai, menor será a importância dada à IEV.

Figura 1

Efeito moderador da Qualidade do Laço Emocional na associação entre Negligência Emocional e Interferência no Estilo de Vida



3.2 Antecipação de Problemas (AP)

Relativamente à associação entre as EAI e a AP, os modelos de Abuso Emocional e Abuso Físico revelaram-se significativos, explicando 6% e 5% respetivamente, da variância da AP (Tabela 3). Para além disso, podem constatar-se os efeitos principais da QLE ao pai, demonstrando que, quanto melhor for a QLE ao pai, menor será a importância atribuída à AP como motivação para a parentalidade.

Tabela 3

Efeito Moderador da QLE Parental na associação entre EAI e a Intervenção no Estilo de Vida e a Antecipação de Problemas

	Interferência no Estilo de Vida			Antecipação de Problemas		
	<i>b</i>	SE	<i>t</i>	<i>b</i>	SE	<i>t</i>
AB.FÍS	.11	.08	1.36	.03	.08	.41
QLE_PAÍ	-.16**	.05	-2.85	-.15**	.06	-2.66
AB.FÍS x QLE_PAÍ	.11	.06	1.77	-.01	.07	-.15
QLE_MÃE	.02	.07	.30	-.01	.07	-.08
AB.FÍS x QLE_MÃE	.05	.07	.73	.05	.06	.75
Model Summary	R²	MSE	F(HC4)	R²	MSE	F(HC4)
	.07*	1.05	2.98	.05*	.94	2.30
	<i>b</i>	SE	<i>t</i>	<i>b</i>	SE	<i>t</i>
AB.EMO	.14	.07	1.82	.08	.07	1.19
QLE_PAÍ	-.16*	.06	-2.44	-.13*	.06	-2.17
AB.EMO x QLE_PAÍ	.08	.06	1.37	-.03	.05	-.54
QLE_MÃE	.05	.08	.64	.01	.07	.16
AB.EMO x QLE_MÃE	.03	.06	.42	.03	.05	.64
Model Summary	R²	MSE	F(HC4)	R²	MSE	F(HC4)
	.06*	1.06	2.68	.06*	.91	2.40
	<i>b</i>	SE	<i>t</i>	<i>b</i>	SE	<i>t</i>
VIO.DOM	.02	.20	.09	.18	.25	.72

QLE_PAÍ	-.14*	.06	-2.50	-.14*	.06	-2.40
VIO.DOM x QLE_PAÍ	-.07	.16	-.41	-.06	.20	-.29
QLE_MÃE	.01	.06	.17	.00	.06	.03
VIO.DOM x QLE_MÃE	.13	.10	1.33	.09	.17	.51
Model Summary	R²	MSE	F(HC4)	R²	MSE	F(HC4)
	.04	1.06	2.68	.05	.93	1.92
	b	SE	t	b	SE	t
NEG.EMO	-.20	.13	-1.48	-.00	.12	-.02
QLE_PAÍ	-.16*	.06	-2.59	-.14*	.06	-2.37
NEG.EMO x QLE_PAÍ	-.15*	.06	-2.53	-.06	.07	-.80
QLE_MÃE	-.08	.10	-.72	-.05	.08	-.57
NEG.EMO x QLE_MÃE	.10	.07	1.44	.10	.08	1.21
Model Summary	R²	MSE	F(HC4)	R²	MSE	F(HC4)
	.06**	1.09	4.19	.05	.93	2.04
	b	SE	t	b	SE	t
NEG.FÍS	-.17	.23	-.75	.08	.27	.32
QLE_PAÍ	-.15*	.06	-2.58	-.12*	.06	-2.22
NEG.FÍS x QLE_PAÍ	-.02	.14	-.16	-.21	.15	-1.38
QLE_MÃE	-.02	.08	-.27	.01	.07	.17
NEG.FÍS x QLE_MÃE	.05	.16	.41	.10	.14	.74
Model Summary	R²	MSE	F(HC4)	R²	MSE	F(HC4)
	.04	1.12	2.22	.06	.92	1.82

Nota. AB. FÍS = Abuso Físico, AB.EMO = Abuso Emocional, VIO.DOM = Exposição a Violência Doméstica, NEG.EMO = Negligência Emocional, NEG.FÍS = Negligência Física, QLE_PAÍ = Qualidade do Laço Emocional ao Pai, QLE_MÃE = Qualidade do Laço Emocional à Mãe.

** $p < .01$. * $p < .05$.

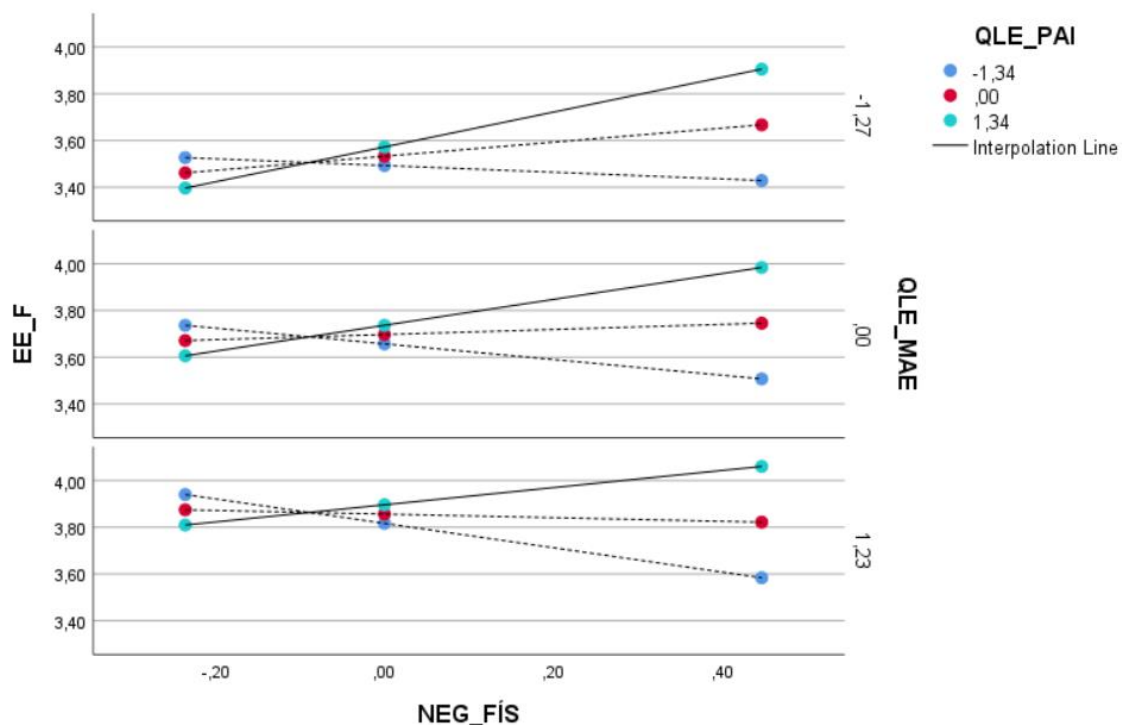
3.3 Enriquecimento Emocional (EE)

No que diz respeito à associação entre EAI e EE, existem dois modelos que se revelaram significativos. O primeiro diz respeito à relação entre EE e Negligência Emocional, sendo que o modelo explica 5% da variância do EE. Nesta mesma associação, verifica-se também que o efeito de interação é marginalmente significativo ($p = .06$).

O segundo modelo significativo é relativo à relação entre EE e Negligência Física, sendo que o modelo explica 6% da variância de EE. Neste, observa-se que o efeito principal do QLE ao pai é marginalmente significativo ($p = .06$). No que concerne ao efeito moderador, verifica-se para a QLE com o pai, mas não para a QLE com a mãe. Isto significa que quando existe negligência física e quando a qualidade do laço emocional ao pai é superior à média, maior importância é dada a motivações relacionadas com o Enriquecimento Emocional ($B = .75$, $SE = .30$, $t = 2.48$, $p = .014$). Isto verifica-se especificamente quando a Negligência Física é elevada (Figura 2).

Figura 1

Efeito moderador da Qualidade do Laço Emocional na associação entre Negligência Física e Enriquecimento Emocional



3.4 Reconhecimento Social (RS)

No que diz respeito à relação entre as EAI e o Reconhecimento Social, verifica-se que o único modelo significativo é relativo à Violência Doméstica enquanto experiência adversa, explicando 5% da variância do Reconhecimento Social.

Tabela 4

Efeito Moderador da QLE Parental na associação entre EAI e o Enriquecimento Emocional e o Reconhecimento Social

	Enriquecimento Emocional			Reconhecimento Social		
	<i>b</i>	SE	t	<i>b</i>	SE	t
AB.FÍS	.36	.27	1.31	.07	.23	.30
QLE_PA I	-.02	.19	-.09	-.08	.10	-.75
AB.FÍS x QLE_PA I	.04	.07	.55	.04	.05	.81
QLE_MÃE	.39	.23	1.67	.07	.11	.69
AB.FÍS x QLE_MÃE	-.11	.08	-1.39	-.02	.04	-.54
Model Summary	R²	MSE	F(HC4)	R²	MSE	F(HC4)
	.04	1.37	1.80	.03	.43	1.26
	<i>b</i>	SE	t	<i>b</i>	SE	T
AB.EMO	.14	.27	.52	.09	.16	.56
QLE_PA I	-.02	.23	-.08	.03	.10	.34
AB.EMO x QLE_PA I	.03	.07	.39	-.01	.04	-.15
QLE_MÃE	.28	.24	1.17	-.01	.11	-.11
AB.EMO x QLE_MÃE	-.06	.07	-.85	.01	.04	.16
Model Summary	R²	MSE	F(HC4)	R²	MSE	F(HC4)
	.03	1.39	1.41	.02	.42	.92
	<i>b</i>	SE	t	<i>b</i>	SE	t
VIO.DOM	-.13	.40	-.31	.10	.45	.22
QLE_PA I	.07	.20	.33	.05	.11	.47

VIO.DOM x QLE_PAÍ	-0.00	.16	-.03	-.03	.09	-.28
QLE_MÃE	.07	.21	.32	-.10	.13	-.80
VIO.DOM x QLE_MÃE	.03	.14	.20	.07	.10	.69
Model Summary	R²	MSE	F(HC4)	R²	MSE	F(HC4)
	.03	1.39	1.14	.05*	.42	2.30
	b	SE	t	b	SE	t
NEG.EMO	-.28	.37	-.77	-.29	.17	-1.68
QLE_PAÍ	-.27	.22	-1.25	-.09	.08	-1.10
NEG.EMO x QLE_PAÍ	-.16	.09	1.87	.05	.04	1.41
QLE_MÃE	.29	.26	1.10	-.10	.11	-.85
NEG.EMO x QLE_MÃE	-.10	.09	-1.06	.04	.04	.90
Model Summary	R²	MSE	F(HC4)	R²	MSE	F(HC4)
	.05*	1.36	2.30	.03	.43	1.17
	b	SE	t	b	SE	t
NEG.FÍS	-.60	.58	-1.03	-.43	.43	-1.00
QLE_PAÍ	-.38	.20	-1.90	-.13	.22	-.60
NEG.FÍS x QLE_PAÍ	.33*	.13	2.48	.10	.18	.58
QLE_MÃE	.32	.22	1.42	-.06	.19	-.33
NEG.FÍS x QLE_MÃE	-.15	.15	-1.02	.03	.15	.20
Model Summary	R²	MSE	F(HC4)	R²	MSE	F(HC4)
	.06*	1.35	2.40	.02	.44	.73

Nota. AB. FÍS = Abuso Físico, AB.EMO = Abuso Emocional, VIO.DOM = Exposição a Violência Doméstica, NEG.EMO = Negligência Emocional, NEG.FÍS = Negligência Física, QLE_PAÍ = Qualidade do Laço Emocional ao Pai, QLE_MÃE = Qualidade do Laço Emocional à Mãe.

** $p < 01$. * $p < 05$.

Discussão de Resultados

Neste trabalho pretendia-se clarificar qual o papel das experiências adversas na infância e da qualidade do laço emocional com as figuras parentais nas motivações para a parentalidade. Do nosso conhecimento, e embora se reconheça o papel que o percurso desenvolvimental dos indivíduos tenha nos seus projetos de vida, não existem estudos empíricos que tenham colocado em relação estas dimensões. Tomando ainda em linha de conta as dificuldades na transição para a parentalidade dos jovens adultos em Portugal, focar no tema das decisões reprodutivas parece ser de interesse premente.

Os nossos resultados globalmente apontam para uma relevância restrita das experiências adversas da infância nas motivações positivas e negativas da parentalidade. Contudo a qualidade do laço emocional ao pai revelou-se um fator de relevo a considerar neste âmbito. Mais concretamente o efeito moderador surgiu na associação entre a Negligência Emocional e a Interferência no Estilo de Vida e na relação entre a Negligência Física e o Enriquecimento Emocional.

Efetivamente, Bowlby (1973) e outros autores (e.g., Mota & Matos, 2009; Sroufe et al 2005; Scharf et al., 2004) mostraram que o desenvolvimento de uma vinculação segura está associado a uma maior auto-confiança no indivíduo. Consequentemente, esta maior auto-confiança favorece não só a afirmação de objetivos de vida como a confiança necessária para os realizar (Silva & Mota, 2018), e permite também atenuar os efeitos colaterais das experiências adversas vivenciadas na infância (e.g., Morimoto & Sharma, 2004).

Deste modo, o efeito moderador verificado nos resultados poderá estar relacionado, sobretudo, com a maior auto-confiança que é fornecida aos indivíduos através da vinculação mantida com a figura paterna. Isto é, ao serem mais confiantes nas suas próprias capacidades, terão mais confiança também no que diz respeito à sua *performance* parental e, consequentemente, atribuem menos importância às motivações relacionadas com a Interferência no Estilo de Vida, já que é algo que a sua auto-confiança permite minorar. Por outro lado, esta lógica também se pode aplicar ao modelo entre a Negligência Física e o Enriquecimento Emocional. Os resultados do estudo mostram que quando a Negligência Física é elevada, e quando a Qualidade do Laço Emocional ao pai é superior à média, maior importância é dada a motivações relacionadas com o Enriquecimento Emocional. Ademais, Szepeswol e colaboradores (2015) mostram que a relação que mantemos com os pais exerce

bastante influência sobre a relação que queremos ter com os nossos filhos. Do mesmo modo, os nossos resultados revelam que ter uma relação com o pai marcada por um laço emocional de qualidade poderá sensibilizar mais os indivíduos para a dimensão emocional da parentalidade futura e, portanto, maior será a importância dada ao Enriquecimento Emocional enquanto motivação favorável à parentalidade. Efetivamente esta qualidade de laço emocional parece amortecer o efeito de algumas experiências adversas da infância.

Um aspeto curioso dos nossos resultados é, no entanto, o facto deste efeito direto e moderador da qualidade do laço emocional surgir somente relativo à qualidade do laço emocional ao pai. No que diz respeito a este resultado, o estudo de Gonçalves (2016) pode contribuir para a sua compreensão, tendo em conta a associação que realiza entre os estilos de vinculação e características de personalidade inerentes, e a qualidade do laço emocional ao pai. Gonçalves (2016) realizou um estudo onde foi efetuada uma classificação dos participantes de acordo com a abordagem prototípica da vinculação (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) a partir das dimensões de vinculação parental. Tendo em conta a Qualidade do Laço Emocional ao pai, os resultados revelaram que, ao estilo Preocupado correspondem os valores mais elevados da qualidade relacional ao pai. Os indivíduos com protótipo Preocupado caracterizam-se por uma grande procura da aceitação e valorização do outro e por altos níveis de dependência emocional, traduzindo-se numa procura de proximidade exacerbada (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Desta forma, e embora o presente estudo não se debruce sobre os estilos de vinculação, mas sim sobre a qualidade da vinculação parental, podemos fazer uma associação entre o estilo Preocupado e uma maior Qualidade do Laço Emocional com o pai. Deste modo, o efeito moderador encontrado na associação entre a Negligência Física e o Enriquecimento Emocional poderá advir da maior necessidade que indivíduos com estas características têm em investir numa relação de cuidado com os outros, ainda mais estimulada pela experiência de Negligência Física, isto é estimulada pela carência percebida em ter as suas necessidades atendidas. Dito de outra forma, estes indivíduos, sobretudo após a experiência adversa de negligência física na infância, atribuem maior importância à dimensão do Enriquecimento Emocional como benefício da parentalidade, pois o desempenho do papel parental poderá suprir a necessidade de proximidade exacerbada que os caracteriza.

Segundo a literatura, experienciar adversidade na infância aumenta a probabilidade de desenvolver uma vinculação insegura com as figuras parentais (Benavente et al., 2009).

Para além disso, a vinculação desenvolvida na infância pode manter-se na idade adulta (Riggs, 2010). Tendo em conta que as experiências adversas analisadas no presente estudo ocorreram no seio familiar, onde as figuras de vinculação exerceram influência direta ou indireta, o potencial efeito atenuador da vinculação fica inevitavelmente comprometido. Assim, é possível compreender que só se tenha verificado o efeito moderador da Qualidade do Laço Emocional em dois dos vinte modelos em análise.

Contudo, é possível que a vinculação parental estabelecida na infância se transforme ao longo do tempo (Waters & Cummings, 2000). Deste modo, mesmo nos casos em que foi experienciado adversidade na infância e consequentemente desenvolvida uma vinculação parental insegura, é possível que esta se transforme e venha mais tarde a ser um fator encorajador para a parentalidade. Por outras palavras, neste estudo procura-se compreender se a vinculação parental pode ter um efeito positivo apesar das experiências negativas na infância. Os resultados encontrados parecem ir ao encontro desta ideia, pelo menos parcialmente, já que o efeito moderador da Qualidade do Laço Emocional ao pai ocorre em situações onde existiu adversidade na infância, e atua como potenciador da motivação para a parentalidade, tendo uma relação positiva com uma motivação a favor da parentalidade e uma relação negativa com uma motivação desfavorável a esta.

A literatura tem secundarizado a importância do papel do pai, principalmente quando comparado com a figura materna, pelo que o facto de termos evidenciado associações significativas sobretudo com a qualidade do laço emocional à figura paterna é um resultado bastante curioso. Efetivamente, durante muito tempo, o pai tem ocupado uma posição secundária enquanto figura de vinculação primária (Bowlby, 1969/1982). A perceção vigente relativa ao papel do pai tem vindo a sofrer alterações ao longo do tempo. A visão da mãe como elemento afetivo e responsável pelos cuidados e educação dos filhos, e do pai como suporte financeiro da família é, atualmente, considerada tradicional para uns e contemporânea para outros (Parke, 1996, citado por Monteiro, 2007). A fim de perceber esta perspetiva no contexto português, Balancho (2004) debruçou-se sobre as perceções sociais relativas ao papel do pai ao longo do tempo, verificando-se um grande corte entre aquele que era o “pai de antigamente” e o “pai novo”. O pai do passado era caracterizado e valorizado pela sua imposição de autoridade, pela sua ausência na vida dos filhos, função disciplinadora e pela distância emocional. De forma completamente diferente, o “pai atual” caracteriza-se por uma autoridade suave, pela maior presença na vida dos filhos,

proximidade emocional e capacidade de compreensão e comunicação com os filhos. A perspectiva de Lamb (2010) vem mostrar que quando os pais assumem um papel de cuidadores, são tão competentes e sensíveis como as mães. No estudo de Meira (2020), verificou-se que crianças em idade escolar dão maior importância ao pai enquanto Porto Seguro do que enquanto Base Segura para Exploração, o que contraria “a tendência científica e cultural de traduzir a importância do papel paterno apenas como Base Segura Para Exploração, nomeadamente como companheiro de Jogo/Brincadeira.” (Meira, 2020, p.35). Atualmente, considera-se que na relação pai-criança, o papel do primeiro é muito mais do que aquele protagonizado por uma Figura de Vinculação Secundária. O pai é, assim, cada vez mais perspectivado como outra Figura de Vinculação Primária neste elo vincutivo (Meira, 2020). Com uma perspectiva bastante diferente, encontram-se alguns autores que demonstram que a noção da mulher como primeira prestadora de cuidados e do pai como figura substituta, ou apenas como companheiro de brincadeira é uma crença ainda bastante enraizada no Ocidente (Deutsch, 2001; Parke, 1996; Rohner & Veneziano, 2001, citado por Monteiro, 2007). Deste modo, os resultados observados podem estar relacionados com a perspectiva mais conservadora sobre a figura paterna, que ainda que inconscientemente, exerce ainda alguma influência sobre a visão que cada um de nós tem acerca do seu pai. Consequentemente, poderão ser atribuídos diferentes graus de importância a uma mesma atitude tomada pelas duas figuras parentais. Isto é, é mais esperado um laço emocional de qualidade com a mãe do que com o pai, sendo que, quando este existe, é sobrevalorizado pelos filhos.

De qualquer modo e embora a literatura relativa à vinculação com a figura paterna como primordial, comparativamente com a figura materna, seja escassa, parece advir algumas vantagens desta relação de maior qualidade. Lewis e Lamb (2003) defendem que os padrões de vinculação ao pai podem ser preditores cruciais do ajustamento psicossocial do adulto a longo prazo, comparativamente com a vinculação materna. O estudo de Flouri e Buchanan (2002a,b) corrobora essa ideia demonstrando que a correlação positiva entre padrões de envolvimento paterno e índices posteriores de ajustamento psicossocial verificaram-se até aos 33 anos de idade dos filhos.

Limitações e Sugestões Futuras

Apesar do seu contributo para a investigação sobre o tema, dada a escassez de estudos que tenham, de acordo com o nosso conhecimento, trabalhado com estas variáveis em conjunto, o presente estudo apresenta diversas limitações. Primeiramente, trata-se de um estudo retrospectivo, no que diz respeito à recolha de informação sobre as Experiências Adversas na Infância, sendo que, os estudos deste tipo apresentam algumas limitações que lhe são intrínsecas. Posto isto, é de elevada importância que se tenha em consideração vários fatores que podem influenciar a forma como os indivíduos recordam a infância. O estado de saúde atual e de humor são exemplos de alguns dos fatores com poder de influência sobre as respostas retrospectivas dos participantes (Pinto & Maia, 2014).

Relativamente à amostra, verifica-se uma amostra muito homogênea no que diz respeito à etnia e ao nível de escolaridade, o que é considerada uma limitação no sentido em que poderá ter condicionado os resultados. Neste sentido, seria interessante realizar uma investigação futura com uma amostra mais heterogênea nas características mencionadas. Para além disso, a amostra estudada é uma amostra da comunidade onde a variabilidade nas experiências adversas pode não ter sido totalmente captada. Assim, seria muito relevante realizar um estudo com uma amostra intencional não probabilística com participantes que pudessem ter experienciado um maior nível de adversidade na infância, comparativamente com a população normativa. Um exemplo de uma população de interesse seriam as comunidades de inserção.

No que diz respeito às variáveis em estudo, o leque de Experiências Adversas na Infância é restrito ao meio familiar, deixando de fora experiências de elevada importância relativas aos pares e/ou ao meio escolar (e.g., *bullying*). A inserção de experiências adversas não diretamente ligadas ao seio familiar seria bastante útil, inclusive para poder analisar o efeito moderador da vinculação parental em experiências às quais as figuras de vinculação não se encontram diretamente ligadas e onde não assumem responsabilidade direta ou indiretamente.

Do mesmo modo, no que diz respeito às motivações para a parentalidade, seria bastante interessante incluir um maior número de motivações. Embora tenhamos analisado as motivações positivas e negativas da parentalidade, o presente estudo não aborda qualquer

motivação relativa à preocupação com a conjuntura do mundo atual, de que são exemplo motivações relacionadas com as alterações climáticas, crise económica, conflitos armados, entre outros. Todas estas questões levantam uma preocupação relativamente recente, relacionada com a preocupação de trazer uma criança a um mundo repleto de problemas, que são muito valorizadas pela geração atual de jovens adultos (Marlon et al., 2022). Dou especial destaque às preocupações com as alterações climáticas, que são sem dúvida um motivo bastante considerado na tomada de decisão para a parentalidade atualmente (Bodin & Björklund, 2022; Smith et al., 2023).

Por fim, uma sugestão para próximos estudos seria a realização de um estudo de carácter longitudinal, que permitisse analisar a vinculação parental na infância e na idade adulta, de modo a obter uma perspetiva transversal relativamente ao papel moderador da vinculação parental.

Em suma, os resultados aqui espelhados podem ser vistos como preliminares, sendo por isso crucial que outros estudos possam aprofundar e corroborar algumas das interpretações por nós apontadas. Desde logo, compreender melhor a importância da vinculação à figura paterna, alertando para a necessidade de explorar este fenómeno em estudos futuros e também contribuir para a compreensão das alterações atuais na tomada de decisão para a parentalidade. Para além disso, destaca-se a importância de conhecer variáveis associadas à infância diferentes das utilizadas no presente estudo, que possam ajudar a explicar o processo de motivação para a parentalidade.

Em termos de implicações para a prática, o presente estudo pretende sensibilizar para o impacto desenvolvimental das experiências adversas na infância e para a importância que a vinculação parental pode desempenhar enquanto atenuador das consequências subjacentes a esse tipo de experiências na vida adulta, em particular, nas motivações para a parentalidade. Considera-se que este olhar desenvolvimental e de ciclo de vida pode ser um contributo de relevo para a compreensão das motivações e decisões parentais.

Referências Bibliográficas

- Alves, J. F. C., & Maia, Â. (2010). Experiências adversas durante a infância e comportamentos de risco para a saúde em mulheres reclusas. *PSICOLOGIA, SAÚDE & DOENÇAS*, 2010, 11(1), 151-171. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000300001>
- Arnold, F. & Fawcett, J. T. (1975). *The Value of Children: A Cross-national Study* (1st ed., Vol. 4). East-West Center.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(2), 147–178. <https://doi.org/10.1177/0265407590072001>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226–244. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226>
- Benavente, R., Justo, J., & Verissimo, M. (2009). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 27, 21–31. <https://doi.org/10.14417/ap.40>
- Bodin, M., & Björklund, J. (2022). “Can I take responsibility for bringing a person to this world who will be part of the apocalypse!?”: Ideological dilemmas and concerns for future well-being when bringing the climate crisis into reproductive decision-making. *Social Science & Medicine*, 302, 114985. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2022.114985>
- Boullier, M., & Blair, M. (2018). Adverse childhood experiences. *Paediatrics and Child Health*, 28(3), 132–137. <https://doi.org/10.1016/j.paed.2017.12.008>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*. (2nd ed., Vol. 1). Basic Books.

- Bowlby, J. (1973). *Separation: Anxiety and Anger (Attachment and loss. Volume II)*. Basic Books.
- Bulatao, R. A. (1981). Values and disvalues of children in successive childbearing decisions. *Demography*, 18(1), 1–25. <https://doi.org/10.2307/2061046>
- Chapman, D. P., Whitfield, C. L., Felitti, V. J., Dube, S. R., Edwards, V. J., & Anda, R. F. (2004). Adverse childhood experiences and the risk of depressive disorders in adulthood. *Journal of Affective Disorders*, 82(2), 217–225. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2003.12.013>
- Clemmons, J. C., DiLillo, D., Martinez, I. G., DeGue, S., & Jeffcott, M. (2003). Co-occurring forms of child maltreatment and adult adjustment reported by Latina college students. *Child Abuse & Neglect*, 27(7), 751–767. [https://doi.org/10.1016/S0145-2134\(03\)00112-1](https://doi.org/10.1016/S0145-2134(03)00112-1)
- Del Giudice, M. (2009). Sex, attachment, and the development of reproductive strategies. *The Behavioral and Brain Sciences*, 32(1), 1–21; discussion 21-67. <https://doi.org/10.1017/S0140525X09000016>
- Dong, M., Anda, R. F., Dube, S. R., Giles, W. H., & Felitti, V. J. (2003). The relationship of exposure to childhood sexual abuse to other forms of abuse, neglect, and household dysfunction during childhood. *Child Abuse & Neglect*, 27(6), 625–639. [https://doi.org/10.1016/s0145-2134\(03\)00105-4](https://doi.org/10.1016/s0145-2134(03)00105-4)
- Dong, M., Giles, W. H., Felitti, V. J., Dube, S. R., Williams, J. E., Chapman, D. P., & Anda, R. F. (2004). Insights into causal pathways for ischemic heart disease: Adverse childhood experiences study. *Circulation*, 110(13), 1761–1766. <https://doi.org/10.1161/01.CIR.0000143074.54995.7F>
- Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., Koss,

- M. P., & Marks, J. S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults. The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *American Journal of Preventive Medicine*, 14(4), 245–258. [https://doi.org/10.1016/s0749-3797\(98\)00017-8](https://doi.org/10.1016/s0749-3797(98)00017-8)
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2002a). Father Involvement in Childhood and Trouble With the Police in Adolescence Findings From the 1958 British Cohort. *Journal of Interpersonal Violence* - 17, 689–701. <https://doi.org/10.1177/0886260502017006006>
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2002b). What predicts good relationships with parents in adolescence and partners in adult life: Findings from the 1958 British birth cohort. *Journal of Family Psychology*, 16(2), 186–198. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.16.2.186>
- Fonagy, P., Steele, M., Steele, H., Higgitt, A., & Target, M. (1994). The Emanuel Miller Memorial Lecture 1992. The theory and practice of resilience. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines*, 35(2), 231–257. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01160.x>
- Frejka, T., Sobotka, T., Hoem, J. M., & Toulemon, L. (2008). Summary and general conclusions: Childbearing Trends and Policies in Europe. *Demographic Research*, 19, 5–14. <https://doi.org/10.4054/DemRes.2008.19.2>
- Gonçalves, S. C. S. (2016). *Vinculação em jovens adultos e motivação para a parentalidade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense]. Repositório UPT. <http://hdl.handle.net/11328/1483>.
- Guedes, M., Carvalho, P., Pires, R., & Canavarro, M. (2011). Uma abordagem qualitativa às motivações positivas e negativas para a parentalidade. *Análise Psicológica*, 29, 535–551. <https://doi.org/10.14417/ap.102>

- Guedes, M., Pereira, M., Pires, R., Carvalho, P., & Canavarro, M. C. (2015). Childbearing Motivations Scale: Construction of a New Measure and its Preliminary Psychometric Properties. *Journal of Child and Family Studies*, 24(1), 180–194. <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9824-0>
- Hoffman, L. W., & Hoffman, M. L. (1973). The value of children to parents. In J. T. Fawcett (Ed.), *Psychological perspectives on education* (pp. 19–76). New York: Basic Books
- Lamb, M. E. (2010). *The Role Of The Father In Child Development* (5th ed.). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Lampic, C., Svanberg, A. S., Karlström, P., & Tydén, T. (2006). Fertility awareness, intentions concerning childbearing, and attitudes towards parenthood among female and male academics. *Human Reproduction*, 21(2), 558–564. <https://doi.org/10.1093/humrep/dei367>
- Langdridge, D., Sheeran, P., & Connolly, K. (2005). Understanding the reasons for parenthood. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 23(2), 121–133. <https://doi.org/10.1080/02646830500129438>
- Lewis, C., & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influences on children's development: The evidence from two-parent families. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 211–228. <https://doi.org/10.1007/BF03173485>
- Marlon, J., Rosenthal, S., Goldenberg, M., Ballew, M., Maibach, E., Kotcher, J., & Leiserowitz, A. (2002). *Younger Americans are growing more worried about global warming*. New Haven, CT: Yale Program on Climate Change Communication.
- Matias, M., & Fontaine, A. M. (2013). Desenvolvimento e Validação Factorial da Escala de Motivos face à Parentalidade. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23(54), 9–20. <https://doi.org/10.1590/1982-43272354201303>

- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de vinculação ao pai e à mãe*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- McGinnis, E. W., Sheridan, M., & Copeland, W. E. (2022). Impact of dimensions of early adversity on adult health and functioning: A 2-decade, longitudinal study. *Development and Psychopathology*, 34(2), 527–538. <https://doi.org/10.1017/S095457942100167X>
- Meira, C. M. P. (2020). *O pai como figura de vinculação primária*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Repositório UP. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/129379>
- Miller, W. B. (1994). Childbearing motivations, desires, and intentions: A theoretical framework. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 120(2), 223–258.
- Miller, W. B. (1995). Childbearing motivation and its measurement. *Journal of Biosocial Science*, 27(4), 473–487. <https://doi.org/10.1017/s0021932000023087>
- Monteiro, L., et al. (2008). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: as relações criança/mãe e criança/pai. *PSICOLOGIA*, 22(1), 105–125. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v22i1.340>
- Morin, P., Payette, H., Moos, M.-K., St-Cyr-Tribble, D., Niyonsenga, T., & De Wals, P. (2003). Measuring the intensity of pregnancy planning effort. *Paediatric and Perinatal Epidemiology*, 17(1), 97–105. <https://doi.org/10.1046/j.1365-3016.2003.00461.x>
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2009). Apego, conflito e auto-estima em adolescentes de famílias intactas e divorciadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 344-352. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300004>

- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interpaparental em adolescentes. *PSICOLOGIA*, 22(1), 127-152.
<https://doi.org/10.17575/rpsicol.v22i1.341>
- Nunes, F., Mota, C. P., Costa, M., Assunção, R. S., & Matos, P. M. (2019). Short form version of the Father and Mother Attachment Questionnaire (FMAQ). *Journal of Child and Family Studies*, 29(4), 1187–1199. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01672-6>
- Pinto, R., Correia, L., & Maia, Â. (2014). Assessing the reliability of retrospective reports of adverse childhood experiences among adolescents with documented childhood maltreatment. *Journal of Family Violence*, 29(4), 431–438.
<https://doi.org/10.1007/s10896-014-9602-9>
- Rasch, V., Knudsen, L. B., & Wielandt, H. (2001). Pregnancy planning and acceptance among Danish pregnant women. *Acta Obstetrica Et Gynecologica Scandinavica*, 80(11), 1030–1035. <https://doi.org/10.1034/j.1600-0412.2001.801111.x>
- Repetti, R. L., Taylor, S. E., & Seeman, T. E. (2002). Risky families: Family social environments and the mental and physical health of offspring. *Psychological Bulletin*, 128(2), 330–366. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.128.2.330>
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., & Blakely, B. S. (1995). Adult attachment styles and mothers' relationships with their young children. *Personal Relationships*, 2(1), 35–54.
<https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1995.tb00076.x>
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., Blakely, B. S., Lanigan, L., & Allen, E. A. (1997). Adult attachment styles, the desire to have children, and working models of parenthood. *Journal of Personality*, 65(2), 357–385. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1997.tb00958.x>
- Riggs, S. A. (2010). Childhood emotional abuse and the attachment system across the life cycle:

- What theory and research tell us. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19(1), 5–51. <https://doi.org/10.1080/10926770903475968>
- Rizzini, I., & Dawes, A. (2001). Editorial: On Cultural Diversity and Childhood Adversity. *Childhood*, 8, 315- 321. <https://doi.org/10.1177/0907568201008003001>
- Scharf, M., Mayseless, O., & Kivenson-Baron, I. (2004). Adolescents' Attachment Representations and Developmental Tasks in Emerging Adulthood. *Developmental Psychology*, 40(3), 430–444. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.40.3.430>
- Seon, J., Cho, H., Choi, G.-Y., Son, E., Allen, J., Nelson, A., & Kwon, I. (2022). Adverse Childhood Experiences, Intimate Partner Violence Victimization, and Self-Perceived Health and Depression among College Students. *Journal of Family Violence*, 37. <https://doi.org/10.1007/s10896-021-00286-1>
- Silva, M. de F. M., & Mota, C. P. (2018). Adversidade na infância e objetivos de vida em adultos: Papel mediador da vinculação aos pais. *PSICOLOGIA*, 32(1), Artigo 1. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v32i1.1309>
- Silva, S. & Maia, Â. (2008). Versão portuguesa do Family ACE Questionnaire (Questionário da História de Adversidade na Infância). In A. P. Noronha, C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins & V. Ramalho (Coord.) *Actas da XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga, Psiquilibrios Edições. <https://hdl.handle.net/1822/11323>
- Smith, D. M., Sales, J., Williams, A., & Munro, S. (2023). Pregnancy intentions of young women in Canada in the era of climate change: A qualitative auto-photography study. *BMC Public Health*, 23(1), 766. <https://doi.org/10.1186/s12889-023-15674-z>

- Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E. A., & Collins, W. A. (2005). *The Development of the Person: The Minnesota Study of Risk and Adaptation from Birth to Adulthood*. Guilford Press
- Szepeswol, O., Simpson, J. A., Griskevicius, V., & Raby, K. L. (2015). The effect of unpredictable early childhood environments on parenting in adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(6), 1045–1067. <https://doi.org/10.1037/pspi0000032>
- Taylor, S. E., Way, B. M., & Seeman, T. E. (2011). Early adversity and adult health outcomes. *Development and Psychopathology*, 23(3), 939–954. <https://doi.org/10.1017/S0954579411000411>
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71(1), 164–172. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00130>
- Wijsen, A. C. (2002). *Timing children at a later age: motivational, behavioural, and socio-structural differentials in the individual decision making process of older mothers*. [PhD thesis. Universiteit van Amsterdam]. Rozenberg Publishers. <https://hdl.handle.net/11245/1.253678>

Anexos

Anexo 1 – Questionário utilizado para a recolha de dados

Experiências na Infância e Parentalidade

Caro participante,

O presente estudo está a ser desenvolvido na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, no âmbito da dissertação de mestrado da estudante Sofia Beato, sob orientação da Professora Doutora Marisa Matias.

O estudo em questão pretende compreender a relação entre vivências na infância e adolescência, as relações parentais e os papéis parentais na vida adulta.

Assim, o questionário destina-se a todos os indivíduos que têm entre 18 e 30 anos e que não tem filhos de momento.

O projeto foi aprovado pela Comissão de Ética da FPCEUP (Ref.^a 2023/04-09b).

O presente questionário é de carácter voluntário e anónimo.

A sua colaboração neste estudo é muito importante, pelo que agradecemos desde já a sua disponibilidade e reforçamos que a sua participação é voluntária e os dados recolhidos serão anónimos.

Este inquérito é anónimo.

O registo das respostas ao inquérito não contém qualquer informação sobre a sua identidade, excepto se alguma pergunta do inquérito solicitar alguma identificação e a fornecer.

Se usou um código de acesso (token) para participar neste inquérito é assegurado que esse código não será guardado juntamente com as suas respostas. O código de acesso é gerido numa base de dados separada e apenas é utilizado pelo programa para registar que concluiu (ou não) o inquérito. Não existe forma de relacionar os códigos de acesso dos participantes no inquérito com as respostas dadas.

Consentimento Informado

O **principal objetivo** deste estudo é compreender a relação entre vivências na infância e adolescência, as relações parentais e os papéis parentais na vida adulta. Sabemos que a decisão de ter ou não ter filhos é cada vez mais ponderada. Deste modo, para além de conhecermos as suas motivações para a parentalidade, gostaríamos de conhecer um pouco mais do seu percurso de vida, pelo que iremos colocar questões que o farão refletir sobre

experiências do seu passado, presente e futuro. Algumas destas experiências poderão ser vistas como mais adversas ou negativas, mas pedimos-lhe que responda com toda a sinceridade.

A sua participação envolve a resposta a um questionário cujo preenchimento tem a duração média de 15 minutos.

Requisitos: O presente estudo destina-se a indivíduos que **não têm filhos** e que têm **entre 18 e 30 anos de idade**. Se não preencher estes requisitos agradecemos que não prossiga para a próxima etapa.

Condições: A sua participação é estritamente voluntária. Assim, poderá desistir a qualquer momento sem que isso implique qualquer consequência para si. Caso alguma questão lhe cause desconforto solicitamos que assinale a opção "não sei"/"prefiro não responder" e prossiga para as questões seguintes. É muito importante que responda a todas as questões.

Não há respostas certas ou erradas, pretende-se respostas o mais espontâneas possível e que reflitam aquilo que está a pensar neste momento, e não aquilo que gostaria de pensar ou que imagina que os outros pensam de si.

Confidencialidade e anonimato: A sua colaboração neste estudo é anónima. Os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para fins de investigação, garantindo-se a sua total confidencialidade.

Esclarecimentos: Caso tenha alguma dúvida, coloque-a em qualquer momento através do e-mail up201807189@up.pt.

Ao clicar na opção "**Sim**", declara que foi informado/a acerca do objetivo e procedimento do estudo, que compreendeu toda a informação, que teve oportunidade de colocar questões e de obter respostas que esclarecessem as suas dúvidas. Declara, ainda, que preenche os requisitos necessários para a participação no estudo, que aceita participar de livre vontade e que autoriza a utilização dos dados no âmbito deste estudo.

- ☐ Sim
- ☐ Não

Questionário Sociodemográfico

Indique a sua idade

A resposta deve estar entre 18 e 30

(Resposta Aberta)

Indique o seu género

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Não binário
- ☐ Prefiro não responder

☐ Se preferir, auto identifique -se: _____

Indique a sua nacionalidade

(Resposta aberta)

Indique o seu nível de escolaridade (selecione o nível mais elevado que completou até ao momento)

- ☐ Nenhum
- ☐ 1.º ciclo do ensino básico (4º ano)
- ☐ 2.º ciclo do ensino básico (6º ano)
- ☐ 3.º ciclo do ensino básico (9º ano)
- ☐ Ensino Secundário (12º ano)
- ☐ Curso Tecnológico/Profissional
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

Neste momento encontra-se a viver numa relação amorosa?

- ☐ Sim
- ☐ Não

(Em caso da resposta ser “Sim”, surge a pergunta condicionada seguinte)

Se está numa relação amorosa, qual a duração dessa relação?

Se a relação tem menos de 1 ano, indique a duração em meses e coloque 0 na caixa correspondente aos anos.

Anos _____

Meses _____

Qual a sua ocupação atual?

(Pode escolher mais do que uma das seguintes opções)

Assinale todas as que se aplicam

- ☐ Trabalhador por conta própria
- ☐ Trabalhador por conta de outrem
- ☐ Desempregado
- ☐ Estudante
- ☐ Prefiro Não Responder
- ☐ Outra _____

Com quem vive atualmente:

Assinale todas as que se aplicam

- ☐ sozinho/a
- ☐ com os meus pais
- ☐ com outros familiares (e.g., irmãos, tios, avós)
- ☐ com companheiro/a
- ☐ com amigos/colegas
- ☐ Outro: _____

Tem filhos?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Nota: No caso da resposta ser “Sim”, o participante é reencaminhado para a seguinte secção:

Agradecemos a sua participação, mas não preenche os requisitos necessários do presente estudo.

Pedimos que não prossiga com a resposta a este questionário.

Se assim o desejar, poderá deixar sugestões ou comentários na caixa de texto. Obrigada!

Pretende ter filhos?

- ☐ Sim, nos próximos 3 anos
- ☐ Sim, nos próximos 5 anos
- ☐ Sim, mas ainda não sei quando
- ☐ Não
- ☐ Não sei/ Estou indeciso(a)

Já esteve grávida/já engravidou alguém?

- ☐ Sim
- ☐ Não

(Em caso da resposta ser “Sim”, surge a pergunta condicionada seguinte)

Está atualmente a tentar engravidar?

- ☐ Sim
- ☐ Não

(Em caso da resposta ser “Sim”, surge a pergunta condicionada seguinte)

Há quanto tempo se encontra a tentar engravidar?

(Resposta Aberta)

Os seus pais encontram-se atualmente separados/divorciados?

- ☐ Sim

- ☐ Não
- ☐ Nunca estiveram juntos após o meu nascimento

(Em caso da resposta ser “Sim”, surge a pergunta condicionada seguinte)

Que idade tinha quando os seus pais se separaram?

(Resposta Aberta)

Algun dos seus pais é uma figura ausente na sua vida?

Por "ausente" entenda-se com pouco ou nenhum contacto afetivo e emocional.

(Excluir ausência por falecimento)

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Prefiro Não Responder

(Em caso da resposta ser “Sim”, surge a pergunta condicionada seguinte)

Indique qual da(s) seguinte(s) figura(s) considera ser ausente.

Se assim o desejar, utilize a caixa de comentários para justificar ou deixar alguma informação que considere relevante relativamente a esta questão.

- ☐ Pai
- ☐ Mãe
- ☐ Ambos

Qual a importância que a relação que mantem com os seus pais assume atualmente na sua vida?

Caso mantenha relação apenas com um dos seus pais, responda com base na relação que mantém com essa figura.

Caso os seus pais já tenham falecido, responda com base na relação que mantinha com eles nos últimos anos.

- ☐ Nada importante
- ☐ Pouco importante
- ☐ Moderada
- ☐ Importante
- ☐ Muito importante
- ☐ Prefiro Não Responder

Escala de Motivos face à Parentalidade

De seguida, apresentam-se algumas razões geralmente apontadas para ter filhos. Indique a importância de cada uma das razões no seu caso pessoal, sendo que 1 = Nada Importante e 6 = Muito Importante.

	1	2	3	4	5	6
1. Para ter alguém a quem amar incondicionalmente.						
2. Porque ser pai/mãe faz/pode fazer de mim uma pessoa melhor.						
3. Para viver os desafios da parentalidade.						
4. Para ter alguém para cuidar.						
5. Para ter o afeto e conforto de uma família.						
6. Para ter uma vida mais rica/preenchida.						
7. Para ter alguém a quem transmitir a minha experiência de vida, os meus valores e ideais.						
8. Para ser amado(a).						
9. Para me dar apoio financeiro na minha velhice.						
10. Porque só se é completamente aceite na sociedade quando se tem filhos.						
11. Porque uma rapariga só se torna mulher depois de ser mãe e um rapaz só se torna homem depois de ser pai.						
12. Por motivos religiosos.						
13. Para tentar não repetir os erros que os meus pais cometeram comigo.						
14. Para dar continuidade ao nome da família						
15. Para ter alguém que herde o que eu for construindo ao longo da vida.						
16. Para ter alguém que consiga o que eu não consegui.						

De seguida, apresentam-se razões apontadas para não ter filhos. Indique a importância de cada uma das razões no seu caso pessoal.

	1	2	3	4	5	6
1. Teria de mudar o meu estilo de vida						
2. Há outras coisas que quero fazer primeiro.						
3. Limitaria a minha liberdade para fazer outras coisas de que gosto (viajar, estar com os amigos, namorar, etc.).						
4. É muito dispendioso.						
5. Teria menos tempo para estar com a/o minha/meu companheira/o.						
6. Implica maior segurança financeira do que aquela que tenho.						
7. Seria uma responsabilidade para toda a vida.						
8. Não tenho o tempo que é preciso para criar uma criança da forma como ela merece.						
9. Sinto que ainda não tenho maturidade suficiente.						
10. Ele/a poderia vir a desiludir-me.						

11. A criança poderia não ser saudável.						
12. Poderia criar tensões no meu relacionamento conjugal.						
13. Poderia transmitir-lhe uma doença.						
14. Não quero passar pelo desconforto e pelas alterações corporais associadas à gravidez, parto e à amamentação.						

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

Vai encontrar agora um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Leia atentamente cada uma das frases e assinale as respostas que melhor exprimem o modo como se sente com cada um dos seus pais. Responda em colunas separadas para o pai e para a mãe, tendo em conta as seis alternativas que se seguem:

- 1 = Discordo Totalmente
- 2 = Discordo
- 3 = Discordo Moderadamente
- 4 = Concordo Moderadamente
- 5 = Concordo
- 6 = Concordo Totalmente

Se não lhe fizer sentido responder tendo em conta uma ou ambas as figuras parentais, poderá deixar o espaço correspondente em branco.

	Pai						Mãe					
	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
1. Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.												
2. Os meus pais conhecem-me bem.												
3. Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.												
4. Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.												
5. Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.												
6. Eu e os meus pais somos como se fôssemos um só.												
7. Em minha casa é um problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.												
8. Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.												
9. Sei que podia contar com os meus pais sempre que precisar deles.												
10. Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.												
11. Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.												

Bateu-me com tanta força que deixou marcas ou feriu.						
Puxou-me, agarrou-me ou atirou-me com alguma coisa?						
Com que frequência lhe bateram?						

Com que frequência é que um dos seus pais e/ou companheiro de um dos seus pais praticou as seguintes atitudes para com o seu par amoroso:

(exemplo: o seu pai/padrasto praticava as seguintes atitudes para com a sua mãe/madrasta)

	Nunca	Raramente	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Muitíssimas Vezes	Não Responder
Puxar, agarrar ou atirar-lhe com alguma coisa?						
Pontapear, morder, bater com a mão, ou bater com alguma coisa forte?						
Bateu-lhe repetidamente durante alguns minutos?						
Ameaçou-a com uma faca ou uma arma, ou usou uma faca ou uma arma para a magoar?						

Algumas pessoas, durante os primeiros 18 anos de vida, tiveram experiências sexuais com um adulto ou com alguém mais velho. Estas experiências podem envolver pessoas da família ou estranhos. Durante esse período, algum familiar, amigo da família ou estranho mais velho:

	Sim	Não	Não Responder
Tocou um acariciou o seu corpo de uma forma sexualizada?			
Tocou o corpo delas de forma sexualizada à sua frente?			
Tentaram ter algum tipo de relação sexual (oral, anal ou vaginal) consigo?			
Tiveram algum tipo de relação (oral, anal ou vaginal) consigo?			

Durante a minha infância...

	Nunca	Raramente	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Muitíssimas Vezes	Não Responder
Não tinha o suficiente para comer.						
Sabia que existia alguém para cuidar de mim e para me proteger.						
As pessoas da sua família chamavam-me coisas feias como “feio” ou “preguiçoso”.						
Os meus pais estavam demasiado bêbados ou perturbados para cuidar da família.						
Havia alguém na família que me ajudava a sentir especial ou importante.						
Havia quem lavasse a roupa suja.						
Senti-me amada (o).						
Pensei que os meus pais desejaram que eu nunca tivesse nascido.						
As pessoas da minha família tomavam conta uns dos outros.						
Senti que alguém da família me odiava.						
As pessoas da família disseram coisas que me magoaram ou insultaram-me.						
As pessoas da família sentiam-se próximas umas das outras.						
Acredito que fui emocionalmente abusado.						
Havia alguém que me levasse ao médico caso necessitasse.						
A família foi fonte de força e suporte.						
Eu tinha de usar roupas sujas.						

Com que severidade lhe bateram? (com que força?)

☐ Nunca me bateram

☐ Não forte

☐ Pouco Forte

☐ Médio

☐ Um pouco forte

☐ Muito Forte

☐ Não Responder

